

Socorra-me, por favor, sou um/a educador/a.

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que – fazeres se Encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, repro-Curando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (Paulo Freire. **Pedagogia da Autonomia**).*

Aquele que indaga, que se deixa ser indagado, aquele/a que busca, que intervenho, intervindo educo e me educo. Considerando verdadeiras as preposições ou premissas sublinhadas, Freire parte de uma premissa particular negativa. É o mesmo que dizer, **não há, não existe**, educador/a, enquanto docente sem pesquisa, e conseqüentemente não há ensino. Não havendo ensino, não há educação. O ensino se dá por meio da pesquisa, da busca, e nunca ao contrário. O contrário é a indolência, o ócio, o relaxamento, a repetição do mesmo fazer. Logo, nenhum indolente, relaxado, pode intervir, e anunciar novidade de caráter científico. O docente enquanto professor, deve exercer a prática da pesquisa, a busca constante da inovação do conhecimento enquanto conhecimento, e a contínua caminhada no exercício da mudança do ser, enquanto ser. O ser em contato com outro ser. O outro não me é estranho, mas é o sujeito-aluno que me provoca que me indaga, e me faz perceber a importância do lugar de ser professor em sala de aula. E quando me percebo como o professor, sou obrigado a educar, e estar aberto ao discente para ser educado. A sala de aula deve ter a conotação da troca, e não da ditadura. O aluno sendo o outro em sala de aula não é um objeto-recipiente, mas aquele que pode interagir com o docente, na inter-relação da troca de educar, e de ser educado.

Ouçõ muitos pedidos de socorro de muitos educadores nas diferentes áreas do ensino. Alguns pedidos de socorro estão relacionados ao salário baixo, alguns relacionados aos “alunos” que por sua vez são caracterizados como marginais e em hipótese não tiveram uma boa “infância”, pais distantes, a falta de uma boa base educacional, etc. Quem nesse país ao menos não ouviu argumento do gênero em se tratar do sistema educacional angolano. Temos bons programas de educação, muitos incentivos do governo, oferecendo bolsa escola, e assim por diante. Tudo isso é válido, e bom para a sociedade brasileira. Desperta e acorda nossa sociedade que faz pouco caso a educação.

Salientamos de que o governo, e os ministérios educacionais, são responsáveis pelos os constantes gritos de socorro dos professores porque estes, não investem nos professores, na pesquisa, na formação de bons professores, e há pouco incentivos motivacionais aos educadores. Quem são as entidades neste país que ouve os professores? Quando, como perceber com clareza e inteireza o valor do professor neste país? Ser professor/a na visão de Freire é uma constante busca do saber mais, do pesquisar, do deixar ser indagado, do indagar com o objetivo de trazer “novas ciências” ou novas surpresas do conhecimento. O educador/a é um agente inovador/a, de boa vontade para o ensino, na pesquisa, sempre com a visão de que ele/a também lucra com suas buscas como pesquisador/a. Esse lucro será evidente na sala de aula, na vida do próprio discente. O crescimento vem à medida que a pesquisa passa a ser um gosto para a constante ascensão intelectual. E desta ascensão intelectual todos ganhamos.

Pedro Paulo Ramos Ventura.

É Pastor, Teólogo e licenciando em Filosofia pela a Universidade, Unisinos-RS.
Brasil.